

África Central: Expediente da História¹

Therezinha de Castro*

O artigo apresenta aspectos geográficos, históricos e culturais da África Central, responsável pelos conflitos de que são exemplos, em nossos dias, os Estados do Zaire, Ruanda e Burundi.

É tarefa sobremodo difícil a de definir o que vem a ser *África Central*. Em consequência, convencionamos tratar-se da zona intertropical,

indo da meseta oriental pontilhada por *vários lagos*, dentre os quais o de Tanganika, e chegando ao litoral do Atlântico, área essa caracterizada pela indepen-

dência hidrográfica da Baía do Congo.

Contrastando com o Amazonas, paralelo ao equador terrestre, o Congo corta essa linha imaginária, dife-



* Do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra.

¹ Selecionado pelo PADECME.

rindo, também, por não se constituir num acesso amplamente aberto para o Atlântico, interrompido por quedas de água, que ferrovias procuraram complementar.

A navegabilidade é mais eficiente nos 1.600 km que o rio descreve em grande curva e que o arremete para o sul, desde Kisangani até Kinshasa.

É também de navegação interrompida o Lualaba, que serve a região de Shaba, contrastando com o Kuango e Kasai, vias de união entre Angola e Zaire.

Em conseqüência, no conjunto, somente o Ubangui, na margem direita, oferece navegação sem interrupção até Bangui, a capital da República Centro-Africana, a 640 km acima da confluência com o Congo.

Em plena zona equatorial, entre 10ª de latitude sul, o clima da África Central é quente, com pequena oscilação térmica e considerável pluviosidade.

A vasta depressão do Congo é bem plana no seu interior, com altitudes oscilando dos 280 aos 530 metros. No setor leste, uma cadeia montanhosa serve de muralha entre a bacia fluvial e a fossa tectônica dos grandes lagos; essa divisória de águas vai dos

1.500 aos 3.000 metros, destacando-se então o Rio Lukuga, em vale profundo, através do qual o Lago Tanganika envia sua contribuição à Bacia do Congo.

A navegação é fator condicionante do modo de vida das tribos – destacando as que habitam a mata virgem das dos bosques em galerias, e estas das que se encontram nas savanas periféricas.

Conclui-se que, contribuindo para o isolamento da África Central, a Geografia, concorre também para: “a originalidade das culturas indígenas, o atraso em relação ao padrão de civilização ocidental, o estado de sujeição político-econômico, as dificuldades de acesso comercial e as relações sociais”.²

ENCONTRO DE CIVILIZAÇÕES

Em 1484, Diogo Cão, navegador português, descobria o estuário do Congo, mas pouco se ficava sabendo sobre seu interior coberto por bosques e selvas, impedidas de serem alcançadas pela quase inavergabilidade desse rio.

Na fase exploratória dos europeus, os arqueólogos belgas encontram, nas margens do Rio Lualaba, vastos cemitérios datados dos séculos VIII a IX a.C., demonstrando que já se explotava o cobre de Katanga (atual Shaba), com o qual fabricavam pequenos lingotes em formato de “H” – objetos que talvez tenham servido como moeda. Mas, por outro lado, nada foi encontrado que pudesse provar estarem os africanos dessa área organizados politicamente em Estados.

Sabia-se, no século XVI, que tribos do Congo Inferior estavam submetidas a um chefe supremo que era, na Europa, conhecido como *Rio Congo*.

Somente em 1816, esse interior passava a ser desvendado, com o Almirante Britânico organizando uma expedição aos cursos médio e superior do Rio Congo. Sob o comando do Capitão James Higston Turkey, 56 europeus tentaram explorar o interior, mas só conseguiram chegar a cerca de 275 km de distância do mar. O “Turkey Disaster” no qual o oficial

² Carlos Delgado de Carvalho – Geografia dos Continentes – Companhia Editora Nacional – Rio, 1943.

inglês e 17 de seus companheiros morreram de febre antes de atingir a 1ª catapata, iria desanimar a conquista interiorana.

Transcorridos 50 anos, caberia à Real Sociedade de Geografia de Londres incentivar as explorações, levando Samuel Baker (1864) a descobrir o *Lago Albert*, enquanto Burton e Speke chegavam ao Lago Tanganika (1857-58) e David Livingstone (1858-64), atravessando o continente do Índico ao Atlântico, chegava a Luanda para, em viagem por conta própria (1867-73), tentar encontrar as nascentes do Nílo.

Foi então que Henri Morton Stanley, pseudônimo do jornalista John Rowland, iniciou sua carreira de explorador, incumbido de entrevistar Livingstone. Encontrando-se com o compatriota na África Central, escrevia seu artigo "*How I Found Livingstone*", no qual afirmava que seu entrevistado era um autêntico achado do século.

Na viagem seguinte de Stanley, descrita em "*Trough the Dark Continent*", ele chegava ao Rio Lualaba. Transcorria o ano de 1876 e Leopoldo II da Bélgica reunia, em Bruxelas,

uma Conferência de Geógrafos, a fim de fundar uma organização internacional para explorar e explorar a África Central, que redundaria na *International Association of Congo*.

Além dos ingleses, a África Central passava a interessar aos belgas e alemães. Caberia ao alemão Paul Reichard descobrir, em Katanga (atual Shaba) uma das maiores jazidas de cobre do mundo, animando a posterior expedição do belga Paul Marinels (1891).

Já então a exploração começava a se ligar à política expansionista. Os conflitos surgem e se multiplicam. No sul, chocam-se os interesses ingleses e portugueses, no norte os ingleses e franceses, enfrentando-se, no centro, ingleses e franceses, alemães e belgas.

A exploração científica e exploração utilitária obrigaram o imperialismo europeu a se enfrentar no Congresso de Berlim (1884-85), que fez a partilha política da África, ficando o ponto de atrito da África Central para o Congresso de Bruxelas (1890).

A África Central era considerada, pelos belgas, como se fosse uma unidade se estendendo do Atlântico ao Índico, com base no concei-

to alemão de *Mittelafrica*. Mas, em 1890, esse conceito era revisto, e imputado não somente à grande região da Bacia do Congo, envolvendo um conjunto de 5.398.657 km².

No encontro de civilizações, o embate de países, a África Central, dentro do enfoque geopolítico, iria se constituir num mero expediente da História.

Os belgas no Congo Leopoldville (atual Zaire), os franceses no Congo Brazzaville (hoje República do Congo), os portugueses no enclave de Cabinda/Angola, criava-se a África Oriental Inglesa (Uganda e Quênia), com o anteparo da África Oriental Alemã (Tanzânia, Ruanda e Burundi).

FOCOS DE TENSÕES

Os bantus formavam o grande grupo negro que habitava a África Central. O termo bantu ou "aba-ntu" é plural de uma palavra que significa – ser humano.

Antes da penetração europeia os bantus constituíam grupos ou tribos, guerreiras e pastoris ou agrícolas e industriais. Em seu *habitat* africano, as tribos belicosas se apoderavam dos terrenos

mais férteis, privando as que se dedicavam às plantações, das extensões mais apropriadas para o cultivo.

A Bacia do Congo é o coração desse tribalismo que os europeus iriam conhecer no século XVI. Eram os tutsis criadores de gado, o povo de maior estatura da África, contrastando com os hutus, baixos e atarracados, sobrevivendo da agricultura.

Em 1899, passavam os dois povos do grupo bantu a viver sob o protetorado da Alemanha que, derrotada em 1918, entregava o território aos belgas. Os tutsis, embora em minoria, formaram sempre a elite local, 1950 quando, face ao processo da descolonização, os colonizadores passam a alimentar rivalidades favorecendo os hutus, dentro da tática do dividir para melhor governar. Lançam-se então as duas tribos na luta pelo poder, dividindo a área que se estende entre o Zaire/Uganda/Tanzânia e os lagos Kivu/Tanganika. Assim, em 1962, o Burundi (27.834 km²) tornava-se independente, sob o comando dos tutsis, ficando Ruanda (26.338 km²) controlada politicamente pelos hutus.

Nascendo geopoliticamente sob o signo do dualis-

mo tribal e da tensão, os massacres passaram a ser uma constante nesses países que não são nações, e sim meros expedientes da História, sobrevivendo em crônica instabilidade, instabilidade nos dois países, onde os hutus são maioria (85%) e os tutsis a minoria (14%).

Ruanda e Burundi são países sem identidade nacional, autênticos satélites do Zaire (2.344.885 km²), onde se degladiam bantus e sudaneses sob governo ditatorial, desde a independência, em 1960. É esse satelitismo que reúne, hoje, nas suas fronteiras, a rivalidade tutsi/hutu. Isso porque, um dos objetivos da Bélgica para conseguir o controle de Ruanda/Burundi após a 1ª Guerra Mundial, foi a presença tutsi/hutu como excelente mão-de-obra para a região mineira de Katanga (atual Shaba), que se transformaria em foco de tensão separatista.

E, se no início do século foi notória a rivalidade belgo/alemã, refletida na dos tutsi/hutu, atualmente, embora de modo bem mais sutil, se confrontam a França/Inglaterra.

A França tem, no Zaire/Ruanda/Burundi, o seu idioma como língua oficial. Dei-

xando de lado a ajuda humanitária, as rivalidades tribais e conseqüente pacificação da região, o que deseja, na prática, o Governo de Paris, é retomar sua ascendência sobre Ruanda, bastante voltada para a esfera inglesa.

A África Central perdeu muito de sua importância econômico-estratégica. Não possui grandes reservas de petróleo e somente cerca de 3,5% do comércio internacional vem de lá. Mesmo assim, em nome da francofonia, sem querer perder seu espaço internacional, o Governo de Jacques Chirac defendeu a intervenção no Zaire, para onde foram refugiados hutus, após o massacre de 1994. Passaram esses a viver em campos de refugiados na região zaireense do Kivu. Aí, em outubro de 1996, o exército do Zaire teve que enfrentar uma rebelião dos banyamulengues, como se denominam os tutsis zaireenses, desejando proclamar a independência das Províncias do Kivu do Norte e do Sul.³

Isso fez com que o Governo do Zaire mandasse

³ Trata-se de mais um foco separatista semelhante ao que ocorreu em 1977 na Província de Katanga (atual Shaba), esmagado com o auxílio da França.

expulsar os refugiados, que regressaram para Ruanda e Burundi, sem saber o que o destino lhes reservava.

Daf os apelos do então Secretário Geral da ONU, Boutros Ghali, para o envio de uma Força Internacional de ajuda aos refugiados, que contou com a má vontade dos Estados Unidos, que já viu, em 1993, numa dessas ajudas humanitárias, soldados seus serem arrastados por milicianos enfiados na Somália.

Os estrategistas não sabem o que poderão encontrar no Zaire, país que, como Ruanda e Burundi, ainda precisa encontrar a sua independência real. Na África, via de regra, as operações militares são técnica e politicamente difíceis, pois os rebeldes armados formam grupos mal estruturados, lutando contra exércitos ditos nacionais e legais que, no entanto, não obedecem a seus chefes. Esse fato torna prudente condicionar o envio dos "capacetes azuis" somente após a assinatura de um cessar-fogo entre as facções rivais em luta.

CONCLUSÃO

No momento em que o europeu se interessou pelo

interior do continente africano, os exploradores se concentraram na procura das nascentes dos rios. Esse hinterland iria ser desbravado por expedições terrestres já que o continente, alto no litoral, era fechado, só podendo ser desvendado quando algum lugar na costa oferecia melhor acesso que o vale do rio.

As potências europeias dividiram a África pensando em assegurar o futuro, dentro do princípio de que a colônia ideal era a que resultasse economicamente auto-suficiente.

Aos poucos, a *unidade de cada um dos sistemas hidrográficos* ia sendo demonstrado, ficando a cena final de toda essa trama para se desenvolver no Congo, na década de 1870-80, com Livingstone e Stanley.

A marcha para o interior era, na realidade, reação, face à necessidade de se obter matérias-primas para uma Europa em febre de industrialização. Diante dessa realidade, não iria ocor-

rer um processo de colonização semelhante ao da América, onde foi bem maior a fixação de bens de raiz. A África transformou-se bem mais numa praça de reserva de produtos necessários.

Por outro lado, a partir do Congresso de Berlim (1894-95), as dissidências mais perigosas entre as potências europeias não foram capazes de gerar uma guerra, como as que ocorreram na América.

As potências europeias dividiram a África pensando em assegurar o futuro, dentro do princípio de que a colônia ideal era a que resultasse economicamente auto-suficiente.

A Segunda Guerra Mundial mostraria aos africanos que a Europa não era um bloco monolítico. Era um continente de divergência, e deixaria de ser o centro dinâmico das Relações Internacionais. Por isso, os africanos passariam a agir politicamente dentro da auto-suficiência do negro contra o branco e, nesse sentido, o Zaire foi dos melhores exemplos, procurando apagar todo e qualquer vestígio da herança europeia,

até mesmo nos nomes e topônimos.⁴

Tudo isso, em grande parte, porque na África inexistiu o processo de assimilação,⁵ até mesmo nos territórios portugueses, pois reconheceram os europeus colonizadores que sua segurança estava nas áreas de organização política instável caracterizada pelo tribalismo. E, como eram minoria, os metropolitanos podiam tirar proveito da dissidência entre os grupos negros, alimentando-a mesmo, tal como ocorreu com os tutsis e hutus.

O Congo foi a última das grandes bacias a ser explorada pelos europeus e também a primeira a ser explorada, quando se encontrou o cobre em Katanga. E, nessa região, como nas demais, as tribos negras já vivendo divididas sofreriam, com a presença do colonizador, maior processo de desintegração.

Em Ruanda/Burundi, por exemplo não foram perscrutadas as dificuldades, quan-

do se dividia o campo de pasto de grupos nômades tutsis. Permitiam, por outro lado, os governantes belgas, que tribos acostumadas a se moverem livremente, sem o conceito de propriedade de terra, se expandissem com toda a liberdade, por outras áreas já ocupadas pelos hutus sedentários. Encarregadas tão-somente com a manutenção de suas fronteiras coloniais, os países europeus não se preocuparam com os matizes delicados do tribalismo.

Com a independência prematura, a não existência do estado-nação e a forte presença de estado-tribal acirraram-se os conflitos étnicos. Revestindo-se o quadro, os negros expulsam o branco colonizador e seus descendentes, para continuarem lutando entre si. A revanche castigava o continente da barbárie que, hoje, os antigos colonizadores preferem esquecer. As potências mundiais têm interesses bastante limitados no continente africano. A pró-

pria União Européia o mantém atrelado marginalmente, dentro do neocolonialismo das Convenções de Lomé.

A África foi o último continente explorado pelo mundo exterior, o último a travar experiência com a civilização européia e, também, o último a conquistar sua independência dentro da mais caracterizada interdependência.

Em se tratando da África Central, o processo colonizador reflete a entrada de dois novos atores – a Bélgica e a Alemanha.

A Bélgica com o Rei Leopoldo II, homem cuja ambição e habilidade excediam os problemas internos do país que devia governar. Antes de 1865, como Duque de Brabante (1850-60) havia viajado pelo Egito, sonhando com estabelecimentos remotos, um dos quais na ilha asiática de Formosa. Procurando obter na África Central um império ultramarino, passou a manipular os caminhos da diplomacia internacional em benefício de seus interesses privados.

Por sua vez, a Alemanha penetrava na África após sua unificação (1870), apenas para satisfazer o desejo hegemônico, bem mais vol-

⁴ O mapa do Zaire transfigurou-se após a independência, com todas as principais cidades renegando seus antepassados coloniais, mudando para nomes africanos: Elizabethville – Lubumbashi; Lealdville – Kinshasa; Stanleyville – Kisangani; Costermansville – Bukavu; Coquillville – Mbandaka; Luluabourg – Kananga; Albertville – Kaleme.

⁵ Processo intenso no Brasil, o país mais mestiço da América.

tado para o poder terrestre na Europa. Não tinha tendências ultramarinas e, ocupando pontos dispersos na África – a atual Namíbia, o Togo, o Camerum e Ruanda/Burundi, se posicionava para um jogo de xadrez geopolítico com plano bastante amplo em política internacional – plano esse, que consistia em desviar a hostilidade francesa contra ela na Europa, além de fomentar rivalidades na África para colocar-se como árbitro entre as ambições dos governos de Paris e Londres.

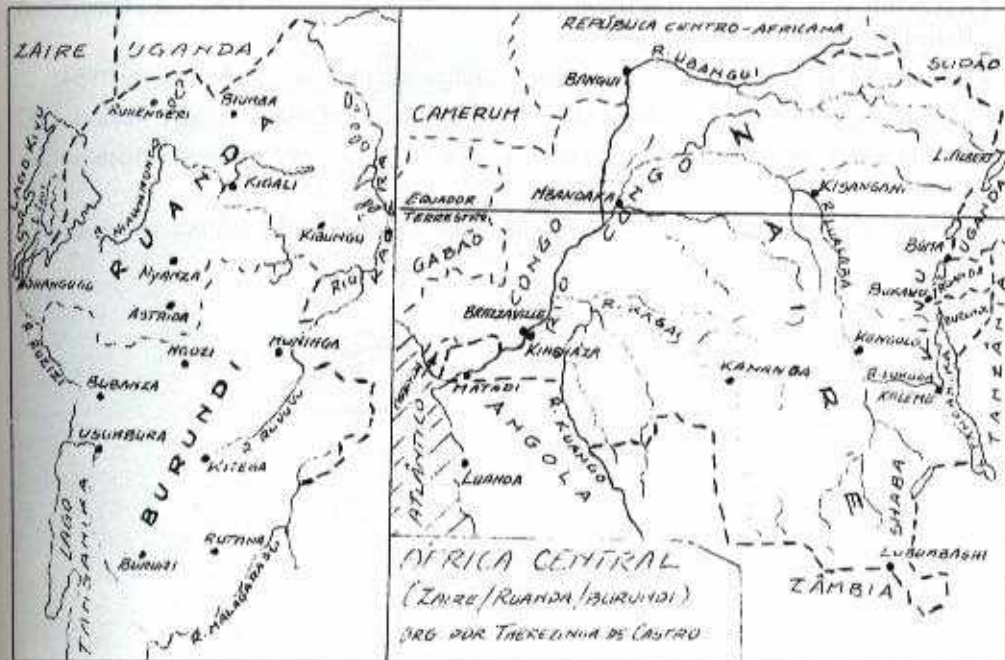
Foi pois, em Berlim, que se traçou o destino geopolítico da África Central. No eixo norte/sul (Cabo ao Cairo) pretendido pela Inglaterra se contrapondo ao leste/oeste (Atlântico ao Índico) da França, o centro da encruzilhada estava em Ruanda/Burundi.

E desse destino geopolítico subsiste a herança do negro contra o negro.

Em 7 de abril de 1994, um misterioso míssil derrubou o avião no qual viajava Juvenal Habiirima, o primeiro presidente eleito, representante da maioria hutu.

Até então a minoria tutsi havia dominado o poder em Kigali, a capital de Ruanda. Nas eleições de 1993, após décadas de predomínio dos tutsis, era eleito outro presidente hutu, Melchior Ndadaye. Esse só se manteve em Usumbura, a capital do Burundi, por apenas três meses, pois foi assassinado por militares tutsis.

Desde então, Ruanda/Burundi vivem em estado de guerra civil latente, após a matança de tutsis, como revanche, e de hutus, como represália. E, nesse estágio de tribalismo que põe o ne-



Mapa da África Central, segundo a definição deste artigo.

gro contra o negro, os tutsis continuam, como no passado colonial, quando eram a elite, a tratar os hutus como seus servos. E, na senda do escravagismo, o fantasma de um governo chefiado por um membro da tribo hutu, que é maioria, se converte em séria ameaça para a supremacia da minoria tutsi.

Ao pesadelo que se impõe, a tropa multinacional formada pela ONU em novembro de 1996, não conseguiu chegar até lá. Coube

seu comando ao Canadá e dela participava o Brasil com 120 militares selecionados entre os que já eram "capacetes azuis" em Angola.

São convocadas duas nações americanas. Omitem-se os responsáveis e as grandes potências, concluindo-se que a região não atrai a cobiça dos Ocidentais. Muito pelo contrário, afasta-os, pois a África Central, autêntico expediente da História, encontra-se carregada de gravíssimos problemas étni-

cos, sociais, políticos e econômicos.

Problemas, que a ONU, por certo, não há de resolver, mesmo que desenterrando o passado expediente da História. Indiciados os dois grandes envolvidos – Bélgica e Alemanha, mesmo assim, continuaria o impasse. Na África Central é onde ainda está bem vivo o racismo do negro contra o branco metropolitano destemperado pelo apartheidismo tribal do negro contra o negro. ●

BIBLIOGRAFIA

- FRITZGERALD, Walter. *África (Geografia, Econômica e Política)*. Ediciones Omega S.A. Barcelona: 1950.
- ZISCHKA, Anton. *África, Reserva da Europa*. Ediciones Omega S.A. Barcelona: 1954.
- OLIVER, Roland e Tage, J. D. *Breve História de África*. Alianza Editorial S.A. Madrid: 1952.
- WHITTLESEY, Derwent. *Geografia Política – Fondo de Cultura Económica*. Buenos Aires: 1948.
- CASTRO, Therezinha de. *África: Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais*. Bibliex Rio: 1980.